

Apresentação

A História como profissão no século XXI

Fernando Cesar Sossai¹ e Juan Andrés Bresciano²

Nas primeiras décadas do século XXI, os processos de globalização, o desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação, a virtualização das interações sociais e a criação de novos meios de comunicação de massa geram transformações significativas nas formas de produzir, ensinar e aplicar o conhecimento histórico. Os processos de globalização contribuem para diversificar o campo de estudo da História e ampliar suas escalas de análise, ao evidenciar as complexas interdependências que conectam países e regiões.

O desenvolvimento das tecnologias digitais impacta as práticas técnico-metodológicas dos historiadores: não apenas oferecem ferramentas para a coleta, análise e apresentação de dados, como também multiplicam as formas de registro dos acontecimentos históricos, além de diversificarem os modos de armazenamento e organização das informações. Soma-se a isso a virtualização das interações sociais, que facilita a colaboração global entre historiadores, permitindo a troca de ideias e recursos em nível internacional. O mesmo pode ser dito sobre a tendência em direção à ciência aberta, que promove maior transparência e redefine o conceito de propriedade intelectual.

No que diz respeito à relação entre o mundo acadêmico e o grande público, os novos meios de comunicação de massa – como as redes telemáticas e as plataformas digitais – geram oportunidades incontornáveis para a divulgação do conhecimento histórico e sua projeção social. Em conjunto, esses processos estão redefinindo a prática da História como profissão, ao gerar um conjunto de desafios que merecem uma reflexão atenta.

No marco da *III Jornada de Teoría e Historia de la Historiografía*³, promovida pelo Departamento de Teoría e Historiografía de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (Udelar), na cidade de Montevidéu, durante os dias 28 e 29 de novembro de 2024, os artigos que integram esta publicação têm como propósito aprofundar os debates sobre os desafios da prática profissional da História no primeiro quartel do século XXI. Com base em abordagens teórico-conceituais rigorosas e metodologicamente inovadoras, o dossiê é composto por sete artigos, além desta apresentação.

O primeiro, intitulado *“O ofício de reencenador, a profissão de historiador e a aprendizagem social no século XXI: uma proposta didática”*, de Javier Alejandro García Moena, oferece uma “ferramenta epistemológica que mostra as vantagens e desvantagens do uso da reencenação histórica para o aprendizado da história, dentro e fora da sala de aula”. O autor desenvolve sua proposta com base na “teoria da aprendizagem social e sua aplicação em atividades teatralizadas, ritualizadas e/ou improvisadas” relativas a “atividades de recriação histórica”.

O artigo *“‘Veículos de experiência’ e ‘laboratórios epistemológicos’: uma proposta de trabalho para a disciplina histórica na perspectiva da ‘História 5D’”*, de José Manuel

¹ Universidade da Região de Joinville (Univille, Brasil).

² Universidad de la República (Udelar, Uruguay).

³ Programa disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1sdEwRYdpVdyFEQTV4mUfviQSK0CKVutR/view?usp=sharing>.

Ventura Rojas, propõe esses dois conceitos como componentes essenciais do trabalho dos historiadores comprometidos com a análise de filmes, bem como de outros materiais audiovisuais (quadrinhos, literatura, peças musicais).

Com base em suas próprias experiências educativas, Igor Lemos Moreira, em “Entrelaçando práticas e mediações: a História Pública como perspectiva para o ensino de História”, reflete sobre as aproximações entre o ensino escolarizado da História e a História Pública, sugerindo que tal aproximação poderia “renovar as práticas pedagógicas e ampliar a compreensão do papel da História na sociedade” contemporânea.

Em seguida, Cristian Sepúlveda Lara e José Manuel Ventura Rojas, autores do artigo “Jogos de RPG para desenvolver habilidades de pesquisa em História e pensamento histórico”, afirmam que os jogos de RPG são dispositivos poderosos para a construção de imaginários e aprendizagens históricas do passado. Nas fases de “preparação do jogo e seu desenvolvimento”, conforme sustentam os autores, eles podem facilitar o desenvolvimento de habilidades imprescindíveis tanto para interessados na disciplina histórica quanto para o público em geral.

Lucas Betanzo Norambuena, em “Interação multimídia, transmídia e outras abordagens conceituais da digitalidade na historiografia: História e memória em S.T.A.L.K.E.R.”, propõe o estudo qualitativo dos videogames com base nas contribuições da historiografia dos conceitos. O artigo apresenta discussões e ferramentas conceituais que podem permitir uma melhor compreensão dos processos de produção e circulação de conteúdos históricos em plataformas de jogos eletrônicos.

No artigo “Aplicação de análise de redes sociais para o passado: limitações e vantagens no estudo da rede egocentrada de Carlos Pastore (1942-1974)”, Matías Borba Eguren reflete sobre as “vantagens e limitações da aplicação da análise de redes sociais (ARS) para a pesquisa histórica”, por meio de um estudo de caso sobre a obra do intelectual e político paraguaio Carlos Pastore, que viveu em exílio na cidade de Montevideu.

Para encerrar, o texto “História em debate: discussão pública sobre a História pesquisada e a História a ser ensinada no Uruguai”, de Líber Romero, aborda as diversas análises que “foram geradas sobre o ensino da História” desde 1985, no Uruguai, “com ênfase nos debates ocorridos em 2022 sobre os contrastes entre a História pesquisada e a História a ser ensinada”.

Com a expectativa de que os textos deste dossiê da Revista Confluências Culturais constituam contribuições relevantes para os estudos históricos e a boa compreensão dos desafios e caminhos da profissão de historiador no século XXI, desejamos a todas e todos uma excelente experiência de leitura.

Presentación

La historia como profesión en el siglo XXI

Fernando Cesar Sossai¹ y Juan Andrés Bresciano²

En las primeras décadas del siglo XXI, los procesos de globalización, el desarrollo de las tecnologías digitales de información y comunicación, la virtualización de las interacciones sociales y la creación de medios de comunicación masiva generaron transformaciones significativas en las formas en que se produce, se enseña y se aplica el conocimiento histórico. Los procesos de globalización contribuyen a diversificar el campo de estudio de la historia y ampliar sus escalas de análisis, ya que ponen de manifiesto las complejas interdependencias que vinculan a países y regiones.

El desarrollo de las tecnologías digitales incide en las prácticas técnico-metodológicas de los historiadores: no solo brindan herramientas para la recopilación, análisis y presentación de datos, sino que multiplican las formas de registro del acontecer histórico y diversifican los modos en que se almacena y organiza la información. A ello se suma la virtualización de las interacciones sociales, que facilita la colaboración global entre historiadores, permitiendo el intercambio de ideas y recursos a nivel internacional. Lo mismo puede afirmarse de la tendencia hacia la ciencia abierta, que promueve mayor transparencia y redefine el concepto de propiedad intelectual.

En lo que atañe al relacionamiento entre el mundo académico y el gran público, los nuevos medios de comunicación masiva, como las redes telemáticas y las plataformas digitales, generan oportunidades insoslayables para la divulgación del conocimiento histórico y su proyección social. En conjunto, esos procesos están redefiniendo la práctica de la historia como profesión, al generar un conjunto de desafíos que ameritan una reflexión atenta.

En el marco de las III Jornadas de Teoría e Historia de la Historiografía³, promovidas por el Departamento de Teoría e Historiografía de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República (UdelaR), en la ciudad de Montevideo, en 28 y 29 de noviembre de 2024, los artículos que integran la presente publicación tienen como propósito profundizar los debates sobre los retos de la práctica profesional de la historia en las primeras décadas del siglo XXI. Desde abordajes teórico-conceptuales rigurosos y metodológicamente innovadoras, el dossier se conforma con siete artículos, además de esta presentación.

El primer artículo, titulado “El oficio de recreador, la profesión de historiador y aprendizaje social en el siglo XXI: una propuesta didáctica” de Javier Alejandro García Moena, ofrece una “herramienta epistemológica que muestra las ventajas e inconvenientes del uso de la recreación histórica para el aprendizaje de la historia, dentro y fuera del aula”. El autor desarrolla su propuesta en base de la “teoría del aprendizaje social y su aplicación en actividades teatralizadas, ritualizadas y/o improvisadas” involucradas con “actividades de recreación histórica”.

El artículo “Vehículos de experiencia y laboratorios epistemológicos: propuesta de trabajo para la disciplina histórica desde la Historia 5D” de José Manuel Ventura Rojas,

¹ Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC, Brasil.

² Universidad de la República (UdelaR), Montevideo, Uruguay.

³ Programa disponible en: <https://drive.google.com/file/d/1sdEwRYdpVdyFEQTV4mUfviQSK0CKVutR/view?usp=sharing>. Acceso en: 5 nov. 2025.

propone esos dos conceptos —vehículos de experiencia y laboratorios epistemológicos— como componentes esenciales del trabajo de los historiadores comprometidos con el análisis de películas y de otros materiales audiovisuales (cómic, literatura, piezas musicales).

Desde sus propias experiencias educativas, Igor Lemos Moreira, en “Entrelazando prácticas y mediaciones: la historia pública como perspectiva para la enseñanza de la historia”, reflexiona respecto los acercamientos entre la enseñanza escolarizada de la historia y la historia pública, sugiriendo que tal aproximación podría “renovar las prácticas pedagógicas y ampliar la comprensión del papel de la historia en la sociedad” contemporánea.

A continuación, Cristian Sepúlveda Lara y José Manuel Ventura Rojas, autores del artículo “Los juegos de rol para desarrollar habilidades de investigación en historia y pensamiento histórico”, plantean que los juegos de rol de mesa son dispositivos poderosos a la construcción de imaginarios y aprendizajes históricos del pasado. En las fases de “preparación del juego y su desarrollo”, sostienen los autores, los juegos pueden facilitar el desarrollo de habilidades imprescindibles para los interesados en la disciplina histórica, así como para el público en general.

Lucas Betanzo Norambuena, en “Interacción multimedia, transmedia y otras aproximaciones conceptuales a la digitalidad en la historiografía: historia y memoria en S.T.A.L.K.E.R.”, propone el estudio cualitativo de los videojuegos en base de los aportes de la historiografía de los conceptos. El artículo presenta discusiones y herramientas conceptuales que podrían permitir una mejor comprensión de los procesos de producción y circulación de contenidos históricos en plataformas de videojuegos.

En el artículo “Aplicación de análisis de redes sociales para el pasado: limitaciones y ventajas en el estudio de la red egocentrada de Carlos Pastore (1942–1974)”, Matías Borba Eguren reflexiona con respecto las ventajas y limitaciones de la aplicación del análisis de redes sociales para la investigación histórica, llevando a cabo un estudio de caso sobre la obra del intelectual y político paraguayo Carlos Pastore durante su exilio en Montevideo, Uruguay.

A modo de cierre, el texto “La historia en la palestra: la discusión pública sobre la historia investigada y la historia a enseñar en Uruguay”, de Líber Romero, aborda las diversas reflexiones “que se han generado sobre la enseñanza de la historia”, desde 1985, en Uruguay, “haciendo hincapié en el debate que se realiza, en 2022, sobre los contrastes entre la historia investigada y la historia a enseñar”.

Con la expectativa de que los textos de este dossier de la revista *Confluências Culturais* puedan ser contribuciones relevantes a los estudios históricos y la buena comprensión de los retos y direccionamientos de la profesión historiadora en el siglo XXI, deseamos a todos una excelente experiencia de lectura.